

O outro e o estranho¹

Fiorella M. Cerami², Roma

“Permanecemos necessariamente alheios a nós mesmos, não nos entendemos, temos que nos trocar por outros, para nós vale pela eternidade a frase ‘cada um é para si a coisa mais distante’.”

Friedrich W. Nietzsche³

“*Je est un autre*”

Arthur Rimbaud⁴

RESUMO: Alteridade e estraneidade são ambos predicativos relacionais, mas de duas categorias distintas. Alteridade significa diversidade entre dois elementos de um mesmo conjunto, que a ambos contém e define. E o par de opostos a que se refere é, em todo caso, ‘o Uno (ou Eu) e o Outro’, em uma relação simétrica de reciprocidade. A experiência de estraneidade, diversamente, implica sempre um limiar ultrapassado, uma relação assimétrica e irreversível. O par de opostos em questão, neste caso, é ‘o Próprio e o Estranho’, cuja diferenciação ocorre num processo de inclusão e exclusão. Partindo da narração de um paciente acometido por patologia aguda incapacitante, no artigo é enfrentada a temática da estraneidade de si mesmo, de cuja saturadora emotividade se faz experiência ao adoecer, especialmente quando se

1. Nota da tradutora: no contexto desse artigo, o termo ‘estranho’ e ‘estraneidade’ devem ser entendidos no sentido dado pelo dicionário Houaiss, isto é, relativo a alguém ou algo desconhecido, de outro país, de fora, diferente.

2. Médica. Sócia ordinária do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca Armando Ferrari* (Roma, Itália).

3. Nietzsche, F. W., 1887, Prefácio, §1 (tradução livre).

4. Rimbaud, A., 2009, Pág. 343.

trate de doenças crônicas não curáveis.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade, estraneidade, entremeio, passagem de limiar, doenças irremediáveis.

“Doutora, já faz duas semanas que não consigo mais me mexer sem sentir uma dor tremenda que me obriga a parar, fico dobrado e não consigo nem mesmo sair da cama sem ajuda. As injeções que tomei (de um analgésico) quase não tiveram efeito. Não consigo nem achar uma posição correta para dormir! A dor me acorda continuamente. Mas o que está acontecendo? Nunca tinha passado tão mal... E depois, tudo de repente!”

É assim que um paciente inaugura nossa primeira sessão, um paciente acometido por hérnia do disco intervertebral. Este sucinto resumo da sua recente experiência parece-me expressar bem toda a angústia, entrelaçada a espanto, que pode atingir qualquer um que se depare com a realidade do ‘próprio’ corpo doente: o *extraordinário* que irrompe e fragmenta a ordem que até então reinava. Um corpo distinto daquele do qual se dispunha antes, um corpo que assusta e que coloca em risco a própria existência diária. O que se pensava conhecer e com que se convive desde sempre se torna repentinamente ameaçador, um estranho com o qual não é mais possível ‘dialogar’.

Ajudar as pessoas a resgatar a trama deste diálogo interrompido é uma parte não secundária de meu trabalho de médica. Certamente, meus conhecimentos de anatomia e fisiopatologia são um ponto de partida útil para desenvolver o papel da catalisadora, neste processo. Mas muitas vezes não são suficientes, especialmente quando o alarme emocionalmente saturador arrebatava o pensamento da pessoa que sofre. Neste caso, de fato, é mais eficaz formular perguntas úteis a definir o quadro em que os sintomas surgiram, ao invés de responder com doudas explicações sobre aquilo que, presumivelmente, está acontecendo ao corpo do paciente. Perguntas que permitam à pessoa reconstruir a origem, não como causa, mas enquanto contexto em que o sofrimento se manifestou e lhe forneçam, ao mesmo tempo, a oportunidade de dar um sentido e até mesmo um significado à

experiência de doença que estão vivenciando⁵.

Esta possibilidade surge justamente da intersubjetividade do diálogo, como expressa muito bem este trecho de B. Waldenfels: *“O sentido e a verdade originam-se entre nós, entre eu e o outro... E o que acontece entre nós não pode ser plenamente reconduzido nem à minha iniciativa, nem à de outrem. Trata-se, aliás, de uma esfera produtiva do “entremeio”, em que somente algo se origina.”*⁶ Para isso, naturalmente, é necessário também saber ouvir ativamente, *“uma maneira de ouvir que é capaz, através de suas expectativas, de animar o outro no desenvolvimento e na prossecução dos seus pensamentos”*⁷. Eis, então, que na dor do corpo parece concretizar-se, com repentina nitidez, a dor de uma perda: *“De fato, tem sido um período difícil, um amigo muito querido faleceu após uma longa doença. Grande tensão e muito cansaço, e a necessidade de não lhe dar peso, de continuar a fazer as coisas. E fazia já um tempinho que sentia as costas rígidas, pela manhã... Mas, com o passar das horas, a sensação de rigidez sumia e não tive como cuidar disso... Talvez, não quisesse cuidar”*.

Então eu pergunto o que quer dizer com *“não quisesse”*.

“Tento sempre ultrapassar meus limites, não deixar que coisas assim possam atrapalhar-me, tipo o cansaço, a vontade de ir cedo para a cama, uma dorzinha. Mas desta vez acho que exagerei”.

Lembro-lhe que o pior surdo é aquele que não quer ouvir.

“É... De fato, desta vez minhas costas começaram mesmo a gritar”.

A sensação de estraneidade ameniza-se, o diálogo entre nós permitiu a abertura de uma nova perspectiva sobre a experiência vivida, e ao corpo é reconhecida a tarefa de sinalizador, tarefa que não pode ser escamoteada, de um limite⁸ demasiadas vezes excedido. Obviamente, trata-se de um caso ‘fácil’, tanto por conta das características do paciente, quanto pela natureza da patologia, uma situação aguda em que, com as corretas

5. Panza, A., 2013, Pág. 50

6. Waldenfels, B., 2011, Pos 241. (Tradução livre)

7. Waldenfels, B., 2011, Pos. 250. (Tradução livre)

8. Panza, A., 2006, Pag. 75.

indicações e o tempo, é possível esperar um restabelecimento das funções prejudicadas.

Bem diferente é a situação em que nos confrontamos com uma patologia crônica que não pode sarar, quando, amiúde, até a terapia é acompanhada por sofrimento e temporária inabilidade, apesar de, na melhor das hipóteses, servir apenas para deter a progressão da doença, cujos êxitos são a deficiência grave ou gravíssima, quando não a morte. Nestas situações abundam as metáforas que se referem à guerra, muitas vezes utilizadas tanto pelos médicos quanto pelos pacientes, como expressão do ódio que impregna a relação com o corpo doente.

Especialmente, nos doentes acometidos por patologias autoimunes, o corpo é vivido como um traidor que age na calada da noite. Logo o sistema imunológico, que deveria proteger contra as ameaças externas, torna-se o artífice de um ataque a partes do corpo ‘próprias’, porém consideradas alheias, ‘estranhas’. F. Mannocchi em seu livro recém-publicado⁹, acerca de sua própria experiência de paciente acometida por esclerose múltipla, resume este conceito numa frase lapidária: “*Significa que o corpo se torna inimigo de si mesmo*”. Em todos esses casos, todavia, há um antes e um depois do diagnóstico, como um limiar a ser superado: de saudáveis a doentes, uma passagem sem volta: “*...Quando você se torna um doente crônico, o como era antes não existe mais. Você está simultaneamente nos três pontos do tempo, no passado, no presente e no futuro, você é engravecente.*”¹⁰ Justamente esta passagem de limiar, que não é uma linha, mas uma faixa de passagem, caracteriza a experiência de estraneidade: passa-se de uma parte à outra e não se pode estar em ambas as partes ao mesmo tempo. E mais: no caso de uma doença crônica sem cura, é um percurso irreversível, uma insuperável e definitiva assimetria.

A história do corpo que somos, por outro lado, nos expõe fisiologicamente a estes dramáticos “ritos de passagem”: o nascimento, a adolescência, o envelhecer, a morte. A estraneidade faz parte do desdobrar-se de nossa

9. Mannocchi, F., 2021, Pág. 15. (Tradução livre)

10. Mannocchi, F., 2021, Pág. 16 (itálico no original, tradução livre)

existência, em que continuidade e descontinuidade estão estritamente entrelaçadas entre si¹¹. *“Trata-se de uma ausência na presença, assim como a morte, que é algo sempre presente na vida, mas sempre na forma de uma ausência”*¹². Uma ausência que não corresponde à inexistência. Como acontece com a infância, que para os adultos é necessariamente irreversível, algo de que se percebe como distante, mas, certamente, não por isso inexistente. Com efeito, também a relação Criança/Adulto é uma típica relação de estraneidade, irreversível e assimétrica¹³.

Nesta perspectiva, a estraneidade, portanto, não é um déficit, que deva ser superado ou eliminado. Foge ao nosso desejo de conhecimento por sua própria natureza, porque não pode ser extraída ou deduzida de outro, e neste sentido é uma qualidade originária. Naturalmente, estamos falando da estraneidade de si mesmo, uma declinação peculiar de um conceito mais geral; para quem desejar aprofundar, aconselho a leitura do texto de B. Waldenfels (2011).

Limitar-me-ei aqui a destacar que, segundo a perspectiva fenomenológica adotada por este autor, Alteridade e Estraneidade são duas categorias distintas. Alteridade significa diversidade entre dois elementos de um mesmo conjunto, que os contém e os define. A relação com o outro implica a possibilidade de recíproco conhecimento e o instaurar-se de uma relação intersubjetiva. Pode ser a relação entre dois seres humanos, entre um homem e um animal de outra espécie, não importa... O par de opostos ao qual se refere é sempre o “Uno (ou Eu) e o Outro”, numa relação simétrica de reciprocidade.

A experiência de estraneidade, diversamente e como já evidenciei anteriormente, implica sempre a transposição de um limiar, uma relação assimétrica e irreversível. Por exemplo, como italiana posso certamente falar dos brasileiros, mas somente enquanto italiana. E vice-versa. O par de opostos em questão, neste caso, é ‘o Próprio e o Estranho’, cuja

11. Panza, A., 2006, Pág. 74.

12. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1285 (Tradução livre)

13. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1245 (Tradução livre)

diferenciação acontece em um processo de inclusão e exclusão. O próprio é um campo interno contraposto a um externo, e é também o campo em que se encontra, necessariamente, aquele que fala sobre esta diferença¹⁴.

Para determinar-se, o estranho está, portanto, sempre vinculado a um próprio. A estraneidade do outro assume espessura somente quando entrar em contato com uma estraneidade em mim mesmo¹⁵. Rimbaud também faz uma referência ao encontro com esta estraneidade em nós mesmos, quando diz “*Je est un autre*”, a frase em epígrafe sintaticamente impossível: “Eu é outro”. Justamente a junção entre o sujeito na primeira pessoa, ‘eu’, e o uso do verbo na terceira, ‘é’, torna-a, entretanto, refinada e poderosamente evocadora. Capaz de expressar que o eu “no mesmo momento em que diz ‘eu’, inclui já e sempre uma estraneidade”¹⁶.

Como na experiência do encontro com nossa imagem no espelho que é, sim, autopercepção, um conhecimento de si, mas, já que necessita da mediação do espelho, resulta também entrelaçada com uma perspectiva estranha: vejo-me e reconheço-me numa distância que é também autorreconhecimento. Na verdade, aquela do espelho é a única oportunidade (hoje também as fotos ou os vídeos) que nos é oferecida para conhecer nossa fisionomia, conhecimento que não nos é dado antes daquela experiência: como sugere Lacan, descubro-me como mim mesmo no espelho. Não há, e não pode haver, identidade absoluta entre mim, como objeto, e eu como sujeito (Uno e Bino). Como da descoberta da própria imagem no espelho, “*fazer experiência de si, não significa simplesmente que eu sou sujeito e objeto em um, mas que eu retorno a mim num deslizamento temporal não isento de certo atraso.*”¹⁷

Esta estraneidade na relação consigo torna-se extrema ao adoecer: “*Até fazer-me perceber a mim mesmo como outra pessoa*”¹⁸, quando o

14. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1225 (tradução livre)

15. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1342 (tradução livre)

16. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1127 (tradução livre)

17. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1351 (tradução livre)

18. Waldenfels, B., 2011, Pos. 1815 (tradução livre)

corpo se faz presente com seus aspectos materiais, e emerge de forma mais ou menos violenta e evidente das sombras em que normalmente estamos acostumados a vivê-lo¹⁹. Trata-se, em sua perturbadora autenticidade, de uma ocasião bastante concreta de experimentar uma realidade ontológica: a distância que não pode ser preenchida entre um eu como sujeito pensante autoconsciente e eu como corpo físico, um objeto, mas não um dos numerosos objetos do mundo. Um objeto dentro do qual sou, e que eu sou... O único objeto concreto que sinto pertencente à percepção global de mim mesmo no mundo, ... A fonte de todos os objetos possíveis, e também de mim mesmo que o observo, o represento a mim e o experimento enquanto sujeito²⁰. O corpo é, nesta perspectiva e para a mente que dele mesmo se origina, um lugar com qualidades paradoxais, em que proximidade e distância, conhecido e desconhecido, próprio e estranho convivem numa harmonia inefável ou numa inexorável conflitualidade²¹.

Retornando ao título desta minha comunicação, o outro e o estranho, parece-me imprescindível destacar que, ressalvadas as diferenças das quais já falei, trata-se, em ambos os casos, de predicados relacionais. Isto é, adquirem significado somente ‘em relação a’: um “Eu” no caso de “o Outro”, a um “Próprio” no caso de “o Estranho”. Tanto o ‘eu’ quanto o ‘próprio’ são termos que dizem respeito a uma função emergente da organização do sistema biológico que caracteriza nossa espécie: o sentimento da identidade enquanto individualidade subjetiva consciente e autoconsciente, capaz de nomear e de autonomear-se.

Se continuarmos a nos definir indivíduos, embora hoje saibamos que somos um agregado de bilhões de bilhões de células distintas, habitados por milhões de bilhões de simbioses (bactérias, fungos, vírus) de milhares de espécies diferentes, não é só fruto de uma tradição lexical, mas está sobretudo intimamente ligado à maneira com que funciona nossa mente, cuja linguagem verbal é parte integrante.

19. Romano, F., 2009, Pág. 25.

20. Ferrari, A.B., 1992, Pág. 31.

21. Panza, A., 2006, Pág. 74.

Tampouco as Ciências Biológicas, por quanto reducionista, mecanicista e dualista possa ser seu retroterra epistemológico, não puderam resistir ao uso de termos e conceitos, mutuados da experiência psicológica humana, para descrever ações ou comportamentos de sistemas não psicológicos (por exemplo, o sistema imunológico) ou para explicar ações ou comportamentos não causados por estados psicológicos em animais não humanos. É assim que os entomólogos explicam o comportamento das abelhas ‘operárias’, como sacrifício de seu interesse reprodutivo a favor daquele da rainha. Ou que os microbiólogos descrevem o sistema imunológico capaz de reconhecer a presença de patógenos, ou de um vírus de escolher um hospedeiro com capacidades reduzidas de resposta imunológica.

Da memória neural à migração celular, do objetivo de um gene de maximizar sua replicação, aos sistemas bioquímicos em busca de equilíbrio, essas metáforas cognitivas estão onipresentes (e nos falamos, evidentemente, da natureza humana do observador que as refere). Trata-se de um léxico sugestivo e unificador que revelou-se ser um útil instrumento comunicativo e descritivo.²² Mas o risco maior que podemos enfrentar é o de confundir a metáfora por concreta realidade literal, na tentativa, por sinal inútil, de domesticar e neutralizar a estraneidade perturbadora que habita o nível físico-biológico do mundo.

THE OTHER AND THE STRANGER

ABSTRACT: Otherness and extraneousness are both relational predicates, but of two different categories. Alterity means diversity between two elements of the same whole, which contains and defines them both. And the pair of opposites to which it refers is in any case ‘the One (or I) and the Other’, in a symmetrical relationship of reciprocity. The experience of extraneousness, on the other hand, always implies a crossing of a threshold, an asymmetrical and irreversible relationship. The pair of opposites in question in this case is ‘the One and the Extraneous’, whose differentiation occurs in a process of inclusion and exclusion. Starting from the report of a patient suffering from an acute disabling disease, the article deals with the theme of extraneousness to oneself, whose saturating emotionality is experienced when one falls ill, especially with chronic incurable diseases.

22. Tauber, A. I., 2017, Pos. 2607.

KEYWORDS: alterity, strangeness, in-between, threshold crossing, incurable diseases.

EL OTRO Y EL EXTRAÑO

RESUMEN: La alteridad y la extraneidad son predicados relacionales, pero de dos categorías diferentes. Alteridad significa diversidad entre dos elementos de un mismo conjunto, que los contiene y define a ambos. Y el par de opuestos al que se refiere es en todo caso “el Uno (o Yo) y el Otro”, en una relación simétrica de reciprocidad. La experiencia de la extraneidad, en cambio, implica siempre el cruce de un umbral, una relación asimétrica e irreversible. El par de opuestos en cuestión en este caso es “lo Uno y lo Extraño”, cuya diferenciación se produce en un proceso de inclusión y exclusión. A partir del relato de un paciente que padece una enfermedad aguda incapacitante, el artículo aborda el tema de la extraneidad hacia si mismo, cuya emocionalidad saturante se experimenta cuando se cae enfermo, especialmente con enfermedades crónicas incurables.

PALABRAS CLAVE: otredad, extraneidad, entremedio, cruce de umbral, enfermedades incurables.

REFERÊNCIAS

- Ferrari, A.B. (1992). *L'eclissi del corpo. Un'ipotesi psicanalitica*, Borla: Roma.
- Mannocchi, F. (2021). *Bianco è il colore del danno*, (Stile libero Big). Edição Kindle, Giulio Einaudi Editore S.p.a.: Torino.
- Nietzsche, F. (1887). *Genealogia della morale*, 1ª edição.
- Panza, A. (2013). *Integrazione dei saperi in medicina*, Libreria Editrice Cafoscarina: Venezia.
- Panza, A. (2006). Pensare il corpo. Itinerari di un'avventura ermeneutica, in *Prendere corpo. Il dialogo tra corpo e mente in psicoanalisi: teoria e clinica*, a cura di Carignani P. e Romano F., Franco Angeli Editore: Milano.
- Rimbaud, A. (1871). *Lettre à Paul Demeny*, Pléiade: Roma, 2009.
- Romano, F. (2009). L'ipotesi dell'oggetto originario concreto: uno strumento di ricerca clinica, in *Corporeità. L'oggetto Originario Concreto: un'ipotesi psicanalitica in espansione*, a cura di Panza A., Romanini M., Tauriello S., Libreria Editrice Cafoscarina: Venezia.
- Tauber, A. I. (2017). *Immunity: the evolution of an idea*, Oxford University Press, ISBN9780190651268 (eBook), 2017.
- Waldenfels, B. (2011). *Estraneo, straniero, straordinario. Saggi di fenomenologia responsiva*. A cura di U. Perrone. Nova edição (online): Rosenberg & Sellier. (Criado em 20 de maio de 2016). Disponível em: <http://books.openedition.org/res/634>. ISBN: 9788878854413. (Edição italiana Kindle).

fiorella.cerami@icloud.com